

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica

Class.: Mineração

Data: 21.04.91

Pg.: 557

Geólogo quer pressão política

Segundo o geólogo João Orestes Schneider Santos, apesar de toda essa imensa potencialidade mineral do Amazonas, a produção mineral em 1988 foi de 3,4 vezes menor que a do Estado do Pará,



alcançando a cifra de apenas 264,7 milhões de dólares naquele ano em contrapartida de 909,7 milhões de dólares do Pará.

— Por conseguinte — afirma Schneider —, não adianta termos jazimentos minerais que estejam apenas adormecidos em berço esplêndido. O governo do Amazonas deve adotar uma política na área de produção mineral compatível com as nossas necessidades e com as nossas mentalidades se assim quiser realmente ver esse Estado desenvolvido pois, dessa maneira, os amazonenses poderão desfrutar dos benefícios oriundos das substâncias minerais que a natureza os legou.

O desenvolvimento do Estado do Amazonas — prossegue Schneider —, através do setor mineral não pode ser encarado de uma maneira isolada. Para o termos é preciso ter energia e para se ter energia é necessário que toda a sociedade amazônica se mobilize e pressione o governo federal a executar no menor espaço de tempo possível a construção das hidrelétricas projetadas, cujos estudos já demonstraram a real viabilidade de seus aproveitamentos e que contemplam grande parte da Amazônia.

Ele ressalta que com a imediata decisão do governo de construir a hidrelétrica de Cachoeira Porteira, no rio Trombetas, com uma potência na primeira fase de 700 MW, viabilizaria a produção de calcário para cimento e para a agricultura do município de Nhamundá, de alumínio da bauxita da jazida localizada naquele município e, ainda, as produções de gipsita para a agricultura das jazidas localizadas no município de Uruará, ao longo do rio Jatapu, bem como viabilizaria ainda a produção de nióbio e suas ligas da jazida de Seis Lagos, em São Gabriel da Cachoeira.

— Outra alternativa energética para deslançar os projetos de mineração, principalmente aqueles situados no setor ocidental do Amazonas, seria a utilização do imenso potencial de gás da região dos rios Uruçu e Juruá. Com sua viabilização — observa Schneider —, poderia se viabilizar a produção de po-

tássio para fertilizante da jazida de silvinita de Nova Olinda do Norte, além de poder deslançar projetos de mineração de estanho, ouro e calcário magnésiano em Rondônia.

O técnico da CPRM considera ser de "fundamental importância" para o desenvolvimento do Estado do Amazonas que a jazida de nióbio de Seis Lagos seja desenvolvida, "porque, no Brasil, apenas os Estados de Minas Gerais (maior produtor, hoje) e Goiás são produtores do minério, sendo que esta substância constitui-se na mais importante matéria-prima para a obtenção de liga Fe-Nb, a qual é utilizada, principalmente, na fabricação de aços microligados à indústria siderúrgica mundial".

Ele demonstra que além das opções energéticas já citadas e que podem deslançar o projeto, existe ainda a viabilidade de aproveitamento da energia da hidrelétrica a ser construída no igarapé Miuá, afluente da margem esquerda do rio Negro, a nordeste do porto de Camanaús, com capacidade para produzir 2 MW, distando apenas 50 km da mina.

— Do exposto — sublinha o geólogo —, a jazida de Nióbio de Seis Lagos pode ser perfeitamente aproveitada, bastando para isso que haja interesse dos dirigentes desse Estado e da classe política amazonense, quer através da Assembléia Legislativa do Estado ou via nossos representantes no Senado e Câmara Federal que mostrariam aos demais parlamentares, principalmente aos da região amazônica, essas viabilidades e potencialidades para que tivéssemos um embasamento político necessário e suficiente à realização desse empreendimento, forçando o governo federal a tomar uma decisão favorável à realização desse empreendimento minero-metalúrgico, uma vez que um projeto dessa envergadura contribuirá decisivamente para que haja um desenvolvimento real e fantástico do Amazonas e à ocupação da faixa de fronteira da Amazônia Ocidental Brasileira.

Schneider lamenta, caso não haja a implantação de um projeto minero-metalúrgico em cima do jazimento, "o que seria ideal", mas, mesmo assim, poderia-se estudar as viabilidades desse minério a ser executado em Manaus, usando-se para isso toda uma infraestrutura existente na área da siderurgia, isto é, a própria Siderama, uma vez que é perfeitamente possível o escoamento do minério via fluvial através da navegabilidade do rio Negro, numa extensão de cerca de 850 quilômetros em rio abaixo.